

**GEMINIS**  
[ESPAÇO CONVERGENTE]

# A CULTURA DO CORPO NA SOCIEDADE DO SELFIE, QUE CORPO É ESSE NO LÓCUS EDUCACIONAL?

**NATHALIE NUNES D. DE CASTRO**

*Mestranda em Educação pela Universidade Estadual de Feira de Santana-BA, pertencente à turma 04 do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE); Pesquisadora com pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia, FAPESB.*

*E-mail: [naynunesnunes\\_10@hotmail.com](mailto:naynunesnunes_10@hotmail.com)*

**ELENISE CRISTINA PIRES DE ANDRADE**

*Professora adjunta no Departamento de Educação e Mestrado em Educação na Uefs. Mestrado e Doutorado em Educação pela Faculdade de Educação da Unicamp.*

*E-mail: [nisebara@gmail.com.br](mailto:nisebara@gmail.com.br)*

## RESUMO

Este artigo é fruto de uma pesquisa feita em redes sociais, mais especificadamente o Facebook, durante quarenta dias com cinco voluntárixs. O foco da pesquisa se concentrou nas timelines dos usuárixs em relação às fotos chamadas de *selfie* e o modo como essas fotos, para além de um modismo, representam padrões e imposições ao corpo que são projetadas e vendidas por um Mercado altamente lucrativo e complexo. Relacionando como o campo educacional, a pesquisa problematiza como a educação se apropria e se comporta mediante essas novas realidades ligadas aos fenômenos culturais, enquanto produtora e produto desses fenômenos. As bases teóricas fundantes para esta produção partem de diversos autorxs que dialogam sobre identidade e gênero, referenciais teóricos pós-estruturalistas culturais e dos estudos Queer e autorxs que pensam o capitalismo e o Capital.

**Palavras-chaves:** Rede social. Corpo. Educação. Mercado.

---

## ABSTRACT

This article is the result of a survey on social networks, more specifically the Facebook, during forty days with five volunteers. The focus of the research has focused on timelines of users in relation to the pictures calls to *selfie* and how these photos, in addition to a fad, represent patterns and charges the body that are designed and sold by a Market highly profitable and complex. By Relating how the educational field, the research discusses how education appropriates and behaves upon these new realities linked to cultural phenomena, while producer and product of these phenomena. The theoretical bases for founding this production run of several authors who have talked about identity and gender, theoretical references post-structuralist cultural and Queer studies and authors who think capitalism and the Capital.

**Keywords:** Social networks. Body. Education. Market.

Vivemos em uma realidade conectada com um mundo paralelo, um mundo que não é palpável e material, mas virtual e midiático, que nos alcança como se de fato fizéssemos parte de um modo importante, decisório. Um mundo que se materializa na imposição de costumes, bordões, músicas, padrões de beleza e etc., mas também um negócio em ascensão, um bilionário mercado.

Uma indústria que se renova em uma velocidade maior do que a capacidade que temos de absorvê-la, tendo como exponencial a internet e em especial as redes sociais. Essas redes de sociabilidade virtuais trazem elementos e conceitos da realidade palpável para colocar o sujeito como possível autor de suas histórias (linha do tempo<sup>1</sup>), produzindo imagens de si e de seus anseios.

A rede social tratada neste artigo é o Facebook, que foi criado em 2004<sup>2</sup> e se apresenta como um exemplar modelo de sociabilização virtual que deu certo, pois ele nos parece familiar, um membro importante que nos acompanha através dos novos aparelhos de telefone para todos os lugares e ocasiões. Ele precisa ser alimentado, com fotos, frases, desabafos, rotina, para que o mundo perceba a nossa existência, afinal se não foi postado, não foi vivido, para Anchieta “ter visibilidade e oferecer sua identidade publicamente é conferir importância à própria existência” (ANCHIETA,2011,P.18). As redes sociais, em especial esta, atingiram um patamar de extensão virtual dos corpos.

Nas redes sociais, principalmente entre os grupos mais jovens os laços de sociabilidade são intensos, também para os mais jovens existe a necessidade de mostrar ao mundo que os corpos ganharam novos contornos e inicia-se a vida jovem/adulta. Essas gerações nascidas entre o fim da década de 90 e nos anos 2000 foram acalentadas no seio de realities show, de celebridades instantâneas, assim questões singulares como “Porque não ser alguém admirado e visto?” começam a ser formuladas. Ser “famoso” pelo menos para uma centena de outros usuárixs resinificados e chamados de amigos.

1 Nome atribuído na rede social Facebook ao espaço onde são expostas as ações significativas do sujeito na rede, onde se fixam as suas produções e os compartilhamentos de produções de terceiros.

2 SANTOS, Alexandre Carvalho dos. A misteriosa história do brasileiro que fundou o Facebook. Super Interessante (online). 2009. Disponível em:<<http://super.abril.com.br/tecnologia/misteriosa-historia-brasileiro-fundoufacebook-611665.shtml>> Acesso em 12/01/2015

Para ser vistx e seguidx a foto tipo *selfie* é de extrema importância para este processo, é preciso incluir o sujeito naquele espaço, vestido sob um padrão e com uma aparência aceitável. O conceito de sociedade do *selfie* pode se traduzir com equivalência as vivências sociais no mundo material, onde os sujeitos projetam uma imagem de si, a sustentam a partir de lógicas de consumo e de jogos sociais e a partir da imposição de padrões que a todo custo devem ser atingidos.

É necessário, no entanto perceber a potencialidade da internet como um espaço múltiplo em cores diversas, um espaço onde as relações de subterfúgio encontram espaço e não apenas um espaço atrelado às lógicas normatizadoras, sendo assim buscou-se nas redes sociais perceber se a cultura do *selfie* promove um novo olhar dos sujeitos para as lógicas de imposição dos padrões publicitários e midiáticos sobre os corpos ou se esta cultura ratifica e fixa os corpos dentro de uma lógica normatizadora. Para encontrar as possíveis respostas foi feita uma pesquisa que durou cerca de quarenta dias, com cinco voluntárix, utilizando a ferramenta metodológica da observação.

#### **A CULTURA DO CORPO - O CORPO QUEER**

A noção de uma cultura dos corpos é problematizada por diversas áreas do conhecimento e a partir de um amplo leque de formações teóricas, no entanto a noção aqui compreendida percebe a cultura do corpo como uma produção em cadeia de corpos estereotipados, vinculados a projetos de sociabilidade específicos e condescendentes com o consumo, uma cultura de padrões homogêneos, com limites baseados principalmente no desejo do capital e de seus anseios. Uma cultura que encontra no mundo virtual um espaço de produção e reprodução de normas, mas também de enfrentamentos dos subalternizados.

Neste trabalho a dimensão entendida do corpo é uma dimensão baseada na Teoria Queer onde o corpo é um espaço político, lugar de vigilâncias e de relações de poder, espaço que reproduz privilégios e exclusões, um corpo fabricado pela cultura, no qual Judith Butler traz que “os corpos só surgem, só permanecem, só sobrevivem dentro das limitações produtivas de certos esquemas reguladores com alto grau de generalização” (BUTLER, 2008, P.14). Esses esquemas reguladores ocorrem em diversos aspectos da vida social: contextos políticos, expressões religiosas, artísticas, na mídia, na escola, nos espaços privados e públicos, cerimônias, olhares, medicamentos e diagnósticos, entre outros.

Os corpos para além deles próprios, mas formados, produzido, dentro de lógicas destes esquemas, mas é importante pensar que não se trata de um corpo passivo, no

qual a ação do biopoder deixa o corpo inerte, pelo contrário, as identidades justapostas e conflitantes impulsionam os sujeitos que mesmo subalternizados dentro das lógicas que lhes são impostas encontram espaços para subversão, “o corpo, lugar de dissolução do eu, volume em perpétua pulverização, traz consigo em sua vida e em sua morte, em sua força e em sua fraqueza a inscrição de todos os acontecimentos e conflitos, erros e desejos” (FOUCAULT, 1979, P.22)

A teoria Queer problematiza a fixação dos papéis na produção e reprodução social e situa os corpos como construções históricas, sociais, políticas, colocando em foco as identidades abjetas, anormais, as identidades desfeitas e desviantes Preciado(2003), em uma plástica indefinida e elástica onde os indivíduos possam ultrapassar as fronteiras de ser homem/mulher, gay/hétero, trans/travesti e apresentar diversas formas de se perceber ou escolher não se encaixar em nenhum modelo, onde as fronteiras possam ser fluidas. Para Berenice Bento as questões se transformam, “questões como: o que diferencia o homem da mulher? São recolocados em outros termos: o que é um homem e uma mulher? Para que serve este lugar de gênero? Só é mulher quem tem um útero?” (BENTO,2014,P.49)

O Queer se perpetra em um processo metodológico de desconstrução, traz para o centro as questões de gênero e sexualidade pondo em contraponto a construção do conceito de normalidade e naturalidade às questões ligadas aos gêneros, a formação dos blocos identitários e a heteronormatividade. Richard Miskolci explica que “Heteronormatividade se refere às normas sociais que impõem não necessariamente a heterossexualidade em si, mas seu modelo a outras relações, inclusive entre pessoas do mesmo sexo” (MISKOLCI, 2014, P.14).

Percebendo através destas dinâmicas, a teoria Queer é compreendida como uma teoria de combate, uma puta teoria, na qual Larissa Pelúcio trata,

“um espaço de luta política, uma arena de embate de ideias que procura enfrentar a naturalização de uma série de opressões. Seja evidenciando o caráter compulsório da heterossexualidade; desconstruindo binarismos que enrijecem possibilidades de transformações; politizando o desejo; ou apontando para as crueldades dos discursos hegemônicos, muitas vezes revestidas de um cientificismo que quita a humanidade de determinados seres humanos, tratando-os como abjetos” (PELUCIO, 2014, P.74)

O abjeto ultrapassa na teoria Queer a definição da palavra, o sentido discursivo do nojo, mas traz como ponto primordial o abjeto para discutir o que a sociedade relega a um plano inferior, um ponto de perturbação daquilo que se projetou como perfeição social. Para Richard Miskolci “o abjeto vai além da sua definição psicanalítica

como a esfera do que causa nojo e alcança a de um espaço-condição que problematiza versões idealizadas que se instituíram como o que a maior parte da teoria social ainda compreende como sociedade” (MISKOLCI, 2014,P.17)

Fazendo este pequeno panorama acerca da teoria Queer fica evidente que nesta teoria o corpo tem espaço fundante, não consistindo uma teoria androcéfala e desse modo se apresenta como uma ferramenta capaz de problematizar os limites discursivos sobre os corpos.

### **POLÍTICA DO CAPITAL SOBRE OS CORPOS E O LÓCUS EDUCACIONAL**

Tendo em vista que a pesquisa se concentrou em apenas um veículo de mídia, a internet, e em um espaço específico da internet, as redes sociais, é preciso salientar que outros veículos como “livros, jornais, rádios, televisores, anúncios, panfletos, discos, vídeos, celulares” (MELO;TOSTA,2008,P.29) são de extrema importância para se pensar a influência que o campo midiático exerce sobre os sujeitos e as demandas de atendimento de uma política do Capital, mas a internet sendo múltipla, é um campo de maiores possibilidades de subterfúgio da ordem estabelecida.

No dicionário Saraiva Jovem que foi distribuído para as escolas públicas do Estado da Bahia a palavra *selfie* não existe, mesmo sendo totalmente incorporada a cultura e ao vocabulário brasileiro, mas outras palavras também em inglês encontram espaço no dicionário como self-service, home-theater, mountain bike, mouse e fast food. Quando a palavra é inserida no Google uma vastidão de informações estão disponíveis, desde notícias de selfies de famosos, a de crimes e acidentes registrados via *selfie* e a venda de equipamentos para *selfie*. No site <http://www.significados.com.br/selfie/>, acessado em 20 de janeiro de 2015 encontramos a seguinte descrição “A particularidade de uma *selfie* é que ela é tirada com o objetivo de ser compartilhada em uma rede social como Facebook ou Myspace, por exemplo”, “Em 2013, os responsáveis pelos dicionários da Oxford escolheram *selfie* como a *palavra do ano*. Um dos motivos para esta escolha foi o fato da busca por esta palavra ter crescido 17000% em 2013...”.

Mediante o volume deste fenômeno é necessário problematizar as relações que perpassam o poder desta mídia e que atravessam toda a sociedade, mas em uma busca pela base de dados Scielo nenhuma referência foi encontrada baseada nos descritores *selfie*, jovens, cultura, internet,corpos, o que nos leva a concluir que a academia apesar dos discursos de aproximação com a realidade dos sujeitos, ainda prioriza e incentiva análises posta em papéis, documentadas e em espaços solidificados em detrimento de pesquisas virtuais e com objetos mais dinâmicos e voláteis.

Poderíamos considerar a *selfie* um auto-retrato? Um auto-retrato moderno onde os indivíduos possam criar diferentes versões de si, caleidoscópios de identidade? Que lógica dos corpos o *selfie* traz, a subversão ou a adequação social? Estas perguntas foram as que impulsionaram a pesquisa e a busca por caminhos metodológicos para respondê-las.

“Pelo bem da ciência você me daria sua senha do facebook?” Esta foi a pergunta em tom de brincadeira feita a cinco voluntários usuárixs da rede social Facebook, a primeira reação foi de espanto como se lhes fosse pedido a senha do banco ou de um diário secreto, mas explicado o objetivo a senha foi concedida com a restrição ao uso mediante apenas a observação, sem interação, nem publicações. Os cinco usuárixs serão aqui chamados de participantes para que a identidade seja preservada, são jovens entre 15 e 30 anos que estão inseridos em algum espaço educacional seja em escolas ou universidades, pertencentes a diferentes classes sociais, orientação sexual e raça.

A observação iniciou no dia 07 de dezembro de 2014 e terminou no dia 14 de janeiro de 2015, com exceção dos dias 24,25 e 31/12/2014, a escolha de um período superior a trinta dias foi necessário para poder estabelecer um grau de linearidade das postagens, evitando assim consultar apenas períodos em que houve um excesso de selfies característicos em períodos festivos como nas festas de final de ano (confraternizações, Natal, Ano Novo). As visitas aos perfis foram feitas uma vez ao dia, pela manhã ou noite, as imagens que foram o foco da observação foram as de tipo *selfie* dos “amigos” dos participantes que se encontravam no espaço chamado de Feed de Notícias, onde as publicações dos “amigos” aparecem conforme ordem de postagem, percebendo as particularidades das que recebiam maior aprovação dos outros usuários, ou curtidas, e os comentários a partir destas imagens.

A metáfora que Foucault nos apresenta sobre o espelho se faz pertinente para pensar essa relação do indivíduo e a *selfie*, com a necessidade de ser visto, mas de controlar o que é visto e apreciar o impacto que causa nos observadores,

Acredito que entre as utopias e estes posicionamentos absolutamente outros, as heterotopias, haveria, sem dúvida, uma espécie de experiência mista, mediana que seria o espelho. O espelho, afinal é uma utopia, pois é um lugar sem lugar. No espelho, eu me vejo lá onde não estou, em um espaço real que se abre virtualmente atrás da superfície, eu estou lá longe, onde não estou, uma espécie de sombra que dá a mim mesmo minha própria visibilidade, que permite me olhar lá onde estou ausente: utopia do espelho. Mas é igualmente uma heterotopia na medida em que o espelho existe realmente, e que tem, no lugar que ocupo, uma espécie de efeito retroativo: é a partir do espelho que me descubro ausente no lugar que estou porque eu me vejo lá longe. (FOUCAULT, 2013, P.415)

Assim o usuário da internet, não apenas está inerte, como um corpo dócil, mas se expõe. As fotos de maior aprovação do público são aquelas que o corpo está a mostra seja na praia, academia, festas ou com roupas curtas e sensuais, rendendo comentários do tipo “linda, gostoso, sarada”, os comentários positivos funcionam como sistemas regulatórios do que é desejável de ser visto. É comum frases de incentivo ou auto-ajuda que não estabelecem relação direta conteúdo/imagem, pois estão relacionadas com fotos sensuais, ou fotos com a beleza realçada com ajuda de maquiagem ou programas de correção.

As imagens de pseudo naturalidade, como ao acordar, ou ser clicado de modo espontâneo, revelam todo um trabalho de regulação que os sujeitos fazem de si próprios para projetarem uma imagem na rede. As pessoas acima do peso ou diferentes do modelo imposto geralmente buscam expor seus corpos utilizando artifícios, em posição sentados, ou cobertos, mesmo em locais como praias, ou apenas expondo o que não lhes conferisse vulnerabilidade, como, por exemplo, o rosto. Os comentários para os perfis abjetos em geral traziam conotações da personalidade dessas pessoas ou da relação de amizade “você é uma amigx maravilhosx, te amo, saudades, você merece”.

As imagens que representam sujeitos transgressores dos papéis de gênero são utilizadas constantemente para produzir riso, compartilhadas com o intuito de tentar intimidar outros ao associar, marcar, um perfil, rendem comentários como “arrumei uma mulher para você; estou solteira, vim aqui procurar você” como se estes corpos fossem meras ilustrações e não pessoas. As selfies de homossexuais que constantemente apareciam nas timelines de um dos participantes, que também é homossexual, além de elogios recebiam apoio pela coragem da exposição, principalmente se a *selfie* representasse uma relação amorosa. Fica claro a formação de guetos a que estes sujeitos procuram se associar, com sujeitos de mesma orientação sexual ou amigos despidos de preconceitos, buscando fugir das violências simbólicas pelo menos naquele espaço.

O sistema regulatório que limita a ação dos corpos, e principalmente dos corpos abjetos, não é nenhum protocolo da rede social Facebook, mas é incorporado pelos sujeitos diante das lógicas normalizadoras e heteronormativas. Os anúncios publicitários trazem corpos esculpidos, os perfis de celebridades mostram beleza, sucesso e conformidade com o sistema, às histórias de superação trazem a marca do derrotismo em relação aos corpos que em geral devem superar a obesidade ou alguma inconformidade com o padrão para chegarem ao sucesso, essa enxurrada de imposições coloca o indivíduo em um perfeito sistema de panóptico.

O sujeito que olha e que se mostra é também seu próprio vigilante. O panóptico ou casa de inspeção foi criado quando Jeremy Bentham copiou um sistema de segurança

criado por seu irmão na Rússia. A ideia era que os presos soubessem que eram vigiados, mas sem saber quando o seriam, o que criaria assim, o desenvolvimento de uma coerção sem violência física, instala-se uma aura invisível e institucionalizada de disciplina onde os observados impõem-se normas de conduta coagidos pelo “olho” que tudo vê. O panóptico expande-se para além de uma casa de detenção, mas todo sistema em que códigos, morais, culturais, normativos, nas quais os sujeitos inseridos se auto regulam Foucault(1977).

Outro elemento marcante nas selfies, principalmente dos participantes pertencente a uma classe social elitizada, era o uso de instrumentos de demarcação social como elementos fundamentais nas fotos. A exposição de uma rotina composta por bons restaurantes e festas, o uso de roupas e acessórios de luxo, fotos em espelhos que permitem visualizar determinado tipo de aparelho celular e a aquisição dos emblemáticos paus de *selfie*.

A percepção dos elementos que demarcam relações de classe nos faz problematizar um grande mercado que se mascara na cultura do *selfie*. O capitalismo estende seus tentáculos normatizando os corpos, comportamentos e discursos, um capitalismo que gasta milhões em anúncios heteronormativos no Facebook, transformando a empresa em uma commodity rentável.

A famosa *selfie* de diversos artistas no Oscar de 2014 foi um lucrativo negócio para a empresa Samsung, já que a ação promovida na premiação de cinema teve um ótimo retorno, segundo a revista [www.exame.abril.com.br/marketing/noticias](http://www.exame.abril.com.br/marketing/noticias), acessada em 02 de dezembro de 2014 “o CEO da Publicis Group, Maurice Levy, deu um valor à ação: “o retorno em mídia foi o equivalente a algo entre US\$ 800 milhões e US\$ 1 bilhão”, disse ele em apresentação no MipTV nesta terça, 8.” Muitas tentativas de reprodução da “genuína foto” tão amplamente comentada na TV mostram o sofisticado regime de dominação que a mídia exerce.

Grandes marcas de telefonia celular investem em aparelhos que tem como principal diferencial uma câmera frontal com desempenho superior, câmera específica para tirar boas selfies, essa tecnologia não sai barato e custa em média R\$2.000. As classes populares são sugadas para dentro dessa lógica de consumo, da necessidade de ter aparelhos cada vez melhores, além de “consumir determinados produtos- do vestuário aos cosméticos; da alimentação natural aos dietéticos; da vida ao ar livre às praticas esportivas; (...) aos medicamentos e intervenções cirúrgicas” (COUTO,1999,p.130).

Os meios de comunicação não se constituem apenas como meros braços ideológicos do Estado e do Capital, mas lugares de produção e reprodução com lógicas internas definidas e sedutoras que buscam dissolver a consciência crítica dos sujeitos.

Para pensar a absorção da lógica do consumo pelas classes populares vale ressaltar as ideias de Gramsci (1978), na qual é muito comum um determinado grupo social, que está numa situação de subordinação com relação a outro grupo, adotar a concepção do mundo deste, mesmo que ela esteja em contradição com a sua atividade prática.

É necessário pensar, em contrapartida, que apesar de todas as investidas do capital e dos esquemas regulatórios do Estado, os corpos não são mais dóceis, eles se organizam e mesmo dentro desses esquemas encontram caminhos e subterfúgios para as lógicas do sistema. Diversos exemplos são formidáveis para exemplificar o poder de subversão que a internet exerce, inclusive relacionando outros veículos. O seriado intitulado “Sexo e as Negas” da emissora Rede Globo que tinha um caráter explicitamente racista e machista, foi duramente criticado a partir da ação de movimentos feministas e raciais chamado “Boicote Nacional ao programa Sexo e as Negas” através de uma página no Facebook. O seriado foi exibido, a duras críticas e com péssima audiência, mas a segunda temporada não acontecerá. A página continua atuante na luta contra a caricaturização do negro na TV, a figura da mulher negra e entre outros, a página possui mais de 30.000 associados, ou no vocabulário faceboquiano “curtidas”.

Para criar fissuras neste complexo sistema é necessário é necessário formar pensadores críticos da realidade, livres para exercer suas performatividades de gênero, para compreender as lógicas dos sistemas que o envolvem e para decidir sobre seu corpo. Os espaços formativos que temos hoje, em grande parte, castram os sujeitos e os amarram em uma ordem heteronormativa atrelada ao capital, um discurso do capital, corpos produtores de trabalho e reprodutores da ordem social, um corpo educastrado. Levando-se em conta que “as identidades são compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade” (LOURO,2010,P.11) a sociedade, a escola, os espaços formativos realizam uma pedagogia, fixam os corpos em determinados papéis pré estabelecidos e imputa pesados castigos para os que transcendem o que é constituído como normal.

A escola, em especial, possui grande importância na formação de gêneros, pois a educação existe difusa em todos os mundos sociais, mas primeiro sem os contornos do espaço formal e depois com a rigidez reproduzida nas escolas. A escola ajuda a pensar e a criar classificações tipológicas de homens e muito mais do que conhecimentos laicos, a escola constrói crenças, símbolos e relações de poder que constroem por fim tipos de sociedade Brandão (2003).

O processo formativo escolar disciplina os corpos seja através de violências físicas e simbólicas, sendo a violência simbólica a que provoca mais danos, pois quase sempre é sutil, mas com efeitos duradouros na vida dos sujeitos. Determina

quais performances de gênero meninas e meninas podem exercer através de gestos, brinquedos, esportes, cores, fantasias e tudo quanto possa selecionar e definir os gêneros. Para Guacira Louro,

“Não pretendo atribuir à escola nem o poder nem a responsabilidade de explicar as identidades sociais, muito menos de determiná-las de forma definitiva. É preciso reconhecer, contudo, que suas proposições, suas imposições e proibições fazem sentido, têm efeitos de verdade, constituem parte significativa das histórias pessoais.” (LOURO,2010,P.21)

Os espaços formativos além de castrarem a formação da identidade de gêneros, consentem o desprezo dos sujeitos que transcendem a heteronormatividade, principalmente para aqueles que demonstram suas escolhas sexuais em público. Para as identidades abjetas a heteronormatividade imputa o ocultamento, como se apenas a noite pudessem brotar do chão e ocupar profissões como a prostituição, no restante do tempo deveriam ficar escondidas ou camufladas.

É preciso que gays, lésbicas, travestis, trans, e toda e qualquer expressão de gênero ocupe todos os espaços, estejam nas universidades, nas escolas, para que estes sujeitos sejam os pesquisadores e não apenas os objetos de pesquisa. É preciso conduzir esses sujeitos a outro patamar para além de serem notados em sua existência. Segundo o site [www.revistaforum.com.br](http://www.revistaforum.com.br), acessado em 10/12/2014 apenas 95 transexuais usaram o nome social para fazer o Enem em 2014, em um universo de mais de oito milhões de estudantes apenas 95, transexuais marcaram sua presença, em um ato que além de individual é um ato político.

No campo educacional seja nas escolas ou nos espaços de educação informal, professorxs e educadorxs não podem mais ignorar a influencia do mundo virtual que afeta não apenas o modo de aprender, com uma incrível velocidade da assimilação dos conteúdos e o desprezo e esquecimento logo em seguida dos mesmos, mas toda uma lógica de subjetividades que inundam o ser aprendiz: seu modo de vida, sua lógica de consumo, os padrões de beleza, relações de sexualidade e de sociabilidade, e a relação com seu próprio corpo, e todo este processo ocorre em grande parte de modo heterogêneo e volátil. Teima-se em educar os sujeitos como seres androcéfalos, onde o corpo tem papel secundário e a sexualidade e o corpo torna-se conteúdo sobre anatomia e doenças sexualmente transmissíveis nas aulas de ciência, mas a temática transborda para os corredores, pátios, muros e mundos virtuais.

A sociedade intitulada neste artigo de “sociedade do *selfie*” demarca a importância que este novo fenômeno cultural tem diante dos usuárixs de redes sociais e como esses processos expandem sua ação para além do campo virtual. Processos heteronormativos, carregados de discursos atrelados às lógicas do capital que imputam aos corpos modelos e padrões, no entanto a internet pode produzir subjetividades que fujam a seu próprio interesse e que se constituam como caminhos de subterfúgio.

As redes sociais, em especial o Facebook, se apresentam como sistemas panópticos onde os sujeitos visam ser “consumidos” pelo olhar do outro, através de imagens construídas, realidades paralelas. O corpo retratado nestas imagens não projeta vulnerabilidades, nem uma relação de liberdade, mas antes disso uma relação de submissão à aprovação do outro. A *selfie* produz e foi produzida dentro de uma lógica de mercado, mas não se pode perceber apenas em tons de branco e preto, as possibilidades são diversas e resinificadas, pois podem também traduzir noções da fluidez que marcam o processo de formação da identidade. É preciso que os indivíduos tenham consciência deste processo, que lhes seja possibilitado uma formação que não lhes castre, o corpo e a mente. Dai a importância de uma educação que fuja dos padrões heteronormativos.

Por se tratar de um artigo, com reduzida quantidade de páginas, não é possível um aprofundamento dos aspectos teóricos Queer que são fundantes nesta pesquisa, e que deslocam seus leitores a cada novo texto, trazendo conceitos tão elásticos que nos leva a pensar que levaremos muito tempo para de fato compreendermos a teoria Queer. Uma teoria jovem e mutante, mas que tenta traduzir as milhares de múltiplas singularidades que atravessam os sujeitos. Identidades cambiantes e transitórias, um caleidoscópio identitário.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980

BENTO, Berenice. O que pode uma teoria? Estudos transviados e a despatologização das identidades trans. **Revista Florestan**, ano01, n. 02, p. 46-66, novembro/2014.

BRANDÃO. Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2003

BUTLER, Judith. **Cuerpos que importan: sobre los limites materiales y discursivos del sexo**. 2 ed. Buenos Aires: Paidós, 2008.

COUTO, Edvaldo Souza. **O homem-satélite: estética e mutações do corpo na sociedade tecnológica.** 1999. 278 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1999.

FOUCAULT, Michel; MOTTA, Manoel Barros da. **Ditos e Escritos III**, Estética: literatura e pintura, música e cinema. 4. ed Rio de Janeiro, RJ: Forense, 2013

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciencias humanas.** 7. ed Sao Paulo: Martins Fontes, 1995

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisao.** Petropolis: Vozes, 1977

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro, RJ: Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **O nascimento da clinica.** 2. Ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitaria, 1980

GRAMSCI, A. **Concepção dialética da história.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade.** 3 ed. Belo Horizonte: Autentica, 2010.

MACHADO, Roberto. Introdução: Por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**, 1982.

MELO, José Marques; TOSTA, Sandra Pereira. **Mídia e Educação.** Belo Horizonte: Autentica Editora, 2008.

MISKOLCI, Richard. Estranhando as ciências sociais: notas introdutórias sobre teoria queer. **Revista Florestan**, ano01, n. 02, p. 08-25, novembro/2014.

PINO, Nadia Perez. A teoria queer e os intersex: experiências invisíveis de corpos dê-s-feitos. **Cadernos Pagu**, v. 28, p.149-174, 2007

PRECIADO, Beatriz. Multidões Queer: notas para uma política dos "anormais". **Estudos feministas**, v19(1) n312, p 11-20, janeiro-abril/2003

REIS, Cristina D; PARAISO, Marlucy A. Normas de gênero em um currículo escolar: a produção dicotômica de corpos e posições de sujeito meninos-alunos. **Estudos Feministas**, v. 22 (1), n. 416, p. 237-256, 2014

**Saraiva Jovem: dicionário da língua portuguesa ilustrado.** Organização da Editora. São Paulo: Saraiva, 2010.